



# “O ROUXINOL”

UM CONTO DE HANS  
CHRISTIAN ANDERSEN

Ilustração de  
Margaret Tarrant



Os meninos sabem com certeza que na China o Imperador é chinês, ...

Ilustração de  
Arthur Szik



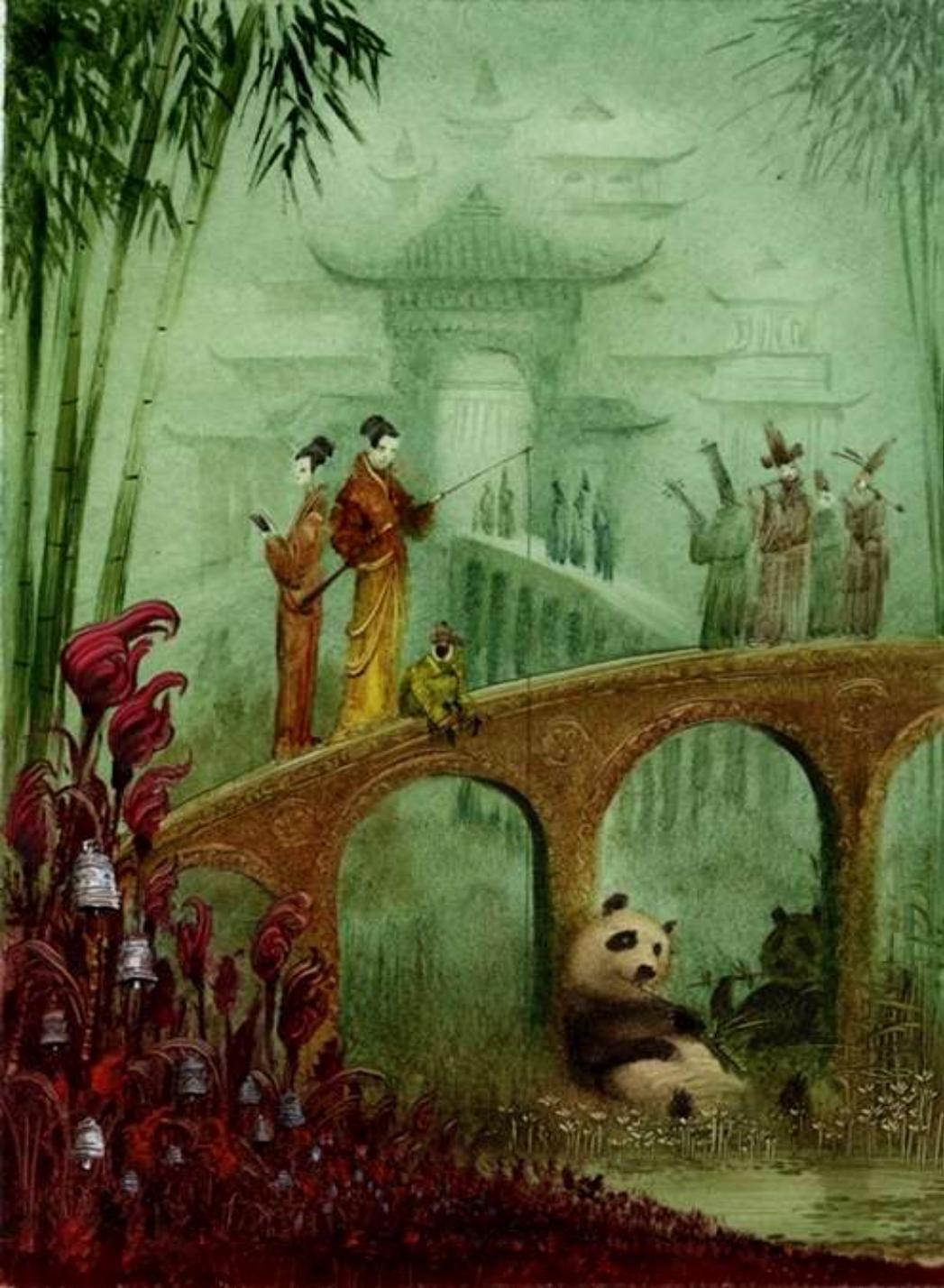
...e que todos os cortesãos que o rodeiam são chineses.

Ilustração de  
Edmund Dulac



O palácio do Imperador era o mais belo do mundo, todo de fina porcelana, mas tão frágil e delicado que era preciso grande precaução ao tocá-lo.

Ilustração de  
Cennedy Spirin



No jardim cresciam as flores mais raras e as mais extraordinárias eram ornadas de campainhas de prata, que tilintavam à medida que as pessoas passavam – de maneira que as flores tinham mesmo de ser admiradas.

Ilustração de  
Igor Oleynikov

... e o jardim era tão grande, que nem mesmo o jardineiro sabia onde terminava.



“Ao longo do rio durante o festival Ching-Ming”, séc. XVIII, detalhe, cópia do original de Zhang Zeduan, séc. XII



Para lá das flores, confundia-se com uma floresta, com árvores altíssimas e lagos profundos.

Pintura em seda da dinastia Ming (1368-1644), do original de Qiu Ying (1494-1552).



A floresta descia até ao mar, que era de um azul celeste. E grandes navios podiam chegar até perto dos ramos das árvores, nas quais vivia um rouxinol.

Ilustração de  
Kay Nielsen



Este rouxinol cantava tão maravilhosamente, que mesmo o pobre pescador, que tanto tinha que fazer, parava para o ouvir sempre que, à noite, vinha lançar as redes.

Ilustração de  
Edmund Dulac



DE TODOS OS PONTOS DO MUNDO CHEGAVAM VIAJANTES PARA VISITAR O PALÁCIO E O JARDIM DO IMPERADOR. MAS AQUILO QUE MAIS OS ENCANTAVA ERA O ROUXINOL.

Depois, ao regressarem aos seus países, os viajantes falavam do que tinham visto, e os sábios escreviam livros sobre a cidade do Imperador, e o palácio, e o jardim. Mas não esqueciam nunca o rouxinol, elogiavam-no mais do que tudo.



Estes livros percorreram o mundo inteiro, e alguns deles chegaram às mãos do Imperador. Este, sentado na sua cadeira dourada, lia e lia sem parar.

...«Mas o rouxinol é de tudo o mais belo», diziam os livros.

Ilustração de  
Margaret Tarrant

Mas onde encontrar o rouxinol? O camareiro subiu e desceu escadas, correu pelos átrios e pelos corredores do palácio – mas ninguém, a quem interrogou, lhe soube dizer fosse o que fosse do rouxinol.



Ilustração de Maria Wernicke



...Finalmente, encontraram uma humilde criada que trabalhava nas cozinhas, e que respondeu:

- Oh!, por Deus! O rouxinol! Conheço-o muito bem. Ah!, como ele sabe cantar! Todas as noites me deixam levar algumas sobras da mesa, para a minha mãe doente. Quando vou para casa à noitinha, cansada de um dia de trabalho, e paro para repousar uns instantes no bosque, oiço o canto do rouxinol.

Ilustração de  
H. J. Ford



-Pequena ajudante de cozinha - disse o camareiro-mor. – dar-te-ei o cargo de cozinheira da corte, e terás licença para ires, todas as noites, ver o Imperador comer, se nos indicares o sítio onde se encontra o rouxinol. Ele está convidado a aparecer na corte esta noite.

Ilustração de  
W. H. Robinson



E lá foram todos rumo à floresta onde habitualmente o rouxinol cantava. Era bem metade da corte.

Ilustração de  
Christian Birmighan



- Lá está ele! – gritou a rapariga. – Oiçam, oiçam! – Está pousado ali.

E apontou para um pequeno pássaro cinzento sobre um ramo de árvore.

- Será possível? – observou o camareiro-mor. – Nunca o imaginaria assim. Tem um aspecto vulgar. Com certeza perdeu a cor à vista de tanta gente distinta.

Ilustração de  
Edmund Dulac



- Meu querido rouxinol! –  
respondeu o camareiro-  
mor. – Tenho a grande  
honra de te convidar para  
uma festa esta noite, na  
corte, onde sua graciosa  
majestade imperial ficará  
deliciada com o teu canto.

Ilustração de  
W. H. Robinson



No centro da grande sala do trono, onde o Imperador se sentava, tinha sido colocado um poleiro de ouro destinado ao rouxinol.

Ilustração de  
Milo Winter



Toda a corte estava presente, e a pequena ajudante de cozinha tinha obtido permissão para ficar por detrás da porta, uma vez que já fora nomeada cozinheira da corte.

Ilustração de  
A. Duncan Carse



O rouxinol cantou tão gloriosamente, que as lágrimas assomaram aos olhos do Imperador, rolando-lhe pela face. (...) o Imperador estava tão transtornado de emoção, que declarou que o rouxinol usaria a sua chinela de ouro pendurada ao pescoço.

蓮花魁子道人春日侍君王宴  
紫微花柳不知人已去年開  
與字排  
蜀後主每於宮中著小巾命宮妓  
亦道花飛蓮花魁日尋花柳以  
侍翻宴蜀之諺已溢耳矣而之  
不絕注之竟至滋糖俾後想况  
頤之今不無批駁也

Mas o rouxinol agradeceu-lhe e disse-lhe que já se sentia suficientemente recompensado.

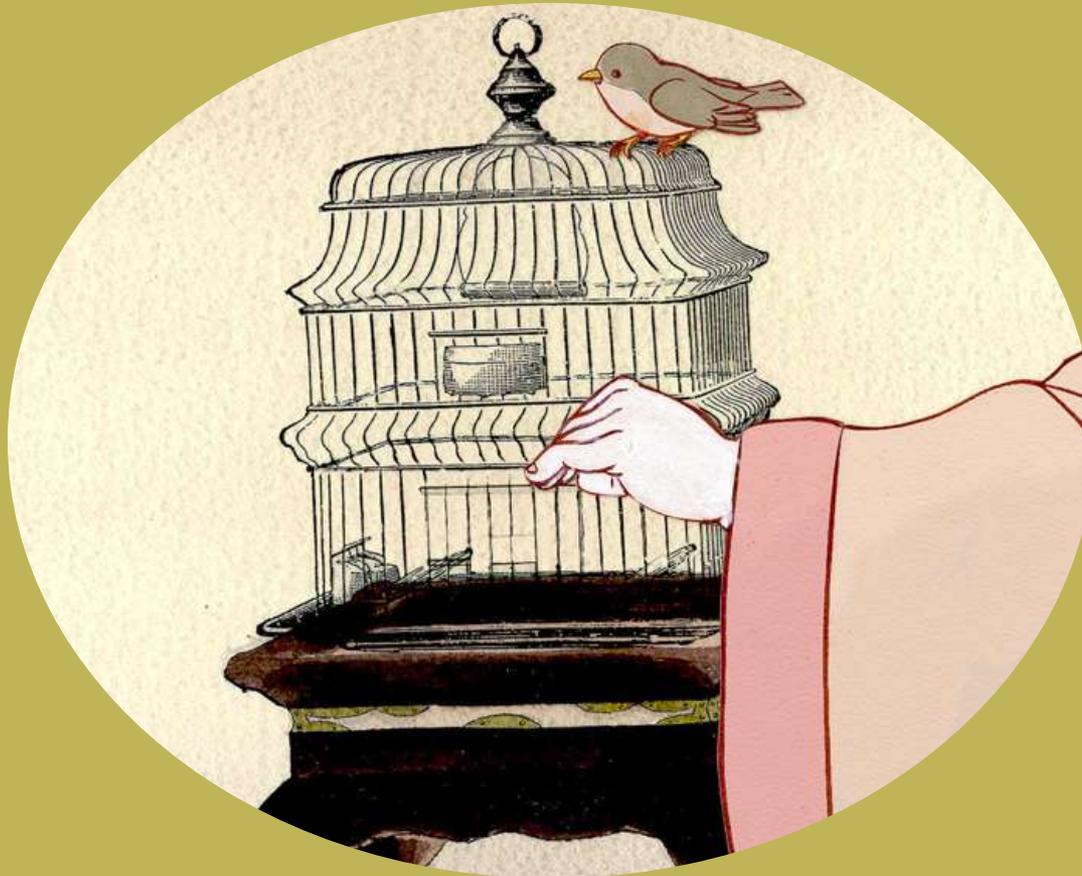
(...)E o rouxinol cantou de novo, com a sua voz deliciosamente pura.

- É a mais encantadora das galanterias que alguma vez se ouviu – diziam as senhoras. E todas elas conservavam água na boca, para poderem imitar trinados quando falavam. Achavam-se, também, um pouco rouxinóis.

- Tang Yin, *Senhoras conversando no palácio Meng Shu*, século XVI



Em resumo, não havia dúvida que o rouxinol obtivera um êxito retumbante. Mas, a partir desse momento, o rouxinol teve de permanecer na corte, na sua gaiola, e com permissão para sair duas vezes durante o dia e uma de noite.





Deram-lhe doze  
lacaaios, cada um dos  
quais segurava a ponta  
de um fio de seda preso  
a uma das suas patas.

Ilustração de  
Margaret Tarrant



The Present from  
the Emperor of Japan

Um dia o Imperador recebeu um grande embrulho, no qual estava escrito: Rouxinol. (...) Mas não se tratava de um livro, e sim de um brinquedo mecânico dentro de uma caixa – um rouxinol artificial, muito parecido com o autêntico, mas ornado de diamantes, rubis e safiras.

Ilustração de  
H. J. Ford

Quando se lhe dava corda, o rouxinol artificial podia cantar uma das canções que o rouxinol verdadeiro cantava...



Ilustração de Cassandre Maxwell

«Maravilhoso!», diziam todos. E o homem que tinha trazido o pássaro artificial recebeu o título de *Grande Transportador Imperial de Rouxinóis*. - Agora, devem cantar os dois. Que belo dueto farão! E puseram-nos a cantar em conjunto, mas a experiência não resultou, pois o verdadeiro rouxinol cantava à sua maneira, e o pássaro mecânico cantava valsas.



Ilustração de Igor Oleynikov

E cantou trinta e três vezes o mesmo trecho sem dar qualquer mostra de cansaço. Os cortesãos queriam ouvi-lo uma vez mais, mas o Imperador achou que era altura de o rouxinol vivo cantar para eles...



Ilustração de W. H. Robinson

...Mas onde estava? Ninguém notara que ele se tinha escapado pela janela aberta, voando em direcção à floresta.



Ilustração de W. H. Robinson

E todos os cortesãos acharam que o rouxinol se mostrara muito ingrato.  
- Mas ficamos com o melhor pássaro! – exclamaram alegremente. (...) O rouxinol verdadeiro foi banido do império, enquanto que o artificial era deitado sobre uma almofada de cetim, perto do leito imperial.



Ilustração de Harry Clarke



O mestre de música escreveu vinte e cinco volumes sobre o pássaro artificial, obras muito sábias, todas cheias de palavras chinesas muito difíceis,...

Ilustração de  
Edmund Dulac

Mas, uma noite, quando o pássaro artificial estava a cantar para o Imperador, (...) qualquer coisa dentro do pássaro saltou. «Rrrr...»fizeram todos os carretos. E logo a música parou.



Ilustração de Cassandre Maxwell



Mandaram então chamar o relojoeiro que, depois de muito falar e muito examinar o pássaro, lá o reparou conforme pôde e soube. Mas logo foi dizendo que era preciso poupar bastante o rouxinol, pois as peças estavam quase todas gastas, e não podiam ser substituídas.

(...) O pássaro artificial só era autorizado a cantar uma vez por ano.

Ilustração de  
Margaret Tarrant



Cinco anos passaram. E chegou o dia em que a nação foi atingida por uma grande desgraça. Todos os chineses gostavam do seu Imperador. E, agora, ele adoeceu, (...)

No seu leito real, o Imperador repousava, pálido e frio. (...)

O Imperador desejava qualquer coisa capaz de o aliviar da monotonia da sua imobilidade.

Ilustração de  
Edmund Dulac

- Música, música! – gritava o Imperador. – Belo pássaro dourado, canta! Canta e eu dar-te-ei ouro e jóias. (...) Mas as palavras do Imperador não se ouviam, e o pássaro continuava silencioso, pois não havia ninguém que lhe desse corda.



O Rouxinol Mecânico

Shelly Duvall

Inesperadamente, chegou através da janela o mais glorioso de todos os trinados. Era o pequeno rouxinol vivo, (...) Tinha sabido dos desejos do Imperador, e viera cantar, para ele, canções de esperança e de conforto.



Ilustração de Cassandre Maxwell

- Obrigado, obrigado, pequeno pássaro celeste – disse, finalmente, o Imperador. – Estou a conhecer-te. És aquele a quem bani do meu império. E, apesar disso, vens dar-me vida de novo. Como posso eu recompensar-te?  
- Já o fizeste – respondeu o rouxinol. – Trouxe-te lágrimas aos olhos a primeira vez que cantei, e nunca esquecerei isso. (...) Mas, agora dorme e recupera forças. (...) E o rouxinol cantou, e o Imperador não tardou a adormecer num sono tranquilo e feliz.



Ilustração de H. J. Ford



O Sol atravessava a vidraça das janelas quando o Imperador acordou, restabelecido e forte. Nenhum dos seus servidores tinha ainda voltado, pois o supunham morto. Mas o rouxinol estava lá, e de novo cantou para ele.

Ilustração de  
Sharon Stearns

Alguns instantes depois, os servidores entraram, para ver o Imperador morto. O Imperador esperava-os de pé. E saudou-os com firmeza: - Bom dia!



Ilustração de Arthur Szik

**HANS CHRISTIAN  
ANDERSEN (1805 - 1875)**



Nascido em Odense, na Dinamarca, em 1805, filho de um sapateiro, deixou a sua casa aos catorze anos para buscar fortuna em Copenhaga. Aí, após um período de extremas dificuldades, caiu nas boas graças de algumas pessoas importantes, incluindo o Rei. Sob a influência dessas pessoas, conseguiu instruir-se e começou a escrever. Compôs poemas, novelas e peças de teatro, mas são os seus contos de fadas – alguns baseados em lendas tradicionais, outros, originais – que constituem a sua maior herança para toda a humanidade.